



# A Santa Sé

---

**PAPA FRANCISCO**

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

***Como se transmite a fé***

*Quinta-feira, 3 de maio de 2018*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 19 de 10 de maio de 2018*

Nas grandes cidades as empregadas domésticas estrangeiras são cada vez mais frequentemente segundas mães e, com a concretude do amor e do testemunho, transmitem a fé às crianças. E talvez os pais, ocupados com numerosos compromissos de trabalho, tenham que redescobrir a beleza do seu papel na transmissão da fé aos seus filhos, sem esperar o catecismo na paróquia ou alguma esporádica participação na missa.

O Papa convidou de novo a ser testemunhas do Evangelho para suscitar a curiosidade em quantos não creem, e assim começar a obra do Espírito Santo, dirigindo um pensamento e uma oração especiais por todos os pais. E a sugestão a não transmitir a fé fazendo proselitismo nem procurando apoio como para uma seleção de futebol.

«No trecho da carta de São Paulo aos Coríntios fala-se da transmissão da fé», observou Francisco referindo-se à primeira leitura (15, 1-8), repetindo as palavras escritas pelo apóstolo: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». E é precisamente assim, explicou o Papa, que «se deve transmitir a fé: ofereço o que recebi, e Paulo recita o que recebeu». Mas «a fé não é só a recitação do Credo: a fé exprime-se no Credo mas é algo mais». Pois se «tudo aquilo em que cremos está no Credo, a atitude de fé vai além, é outra coisa, maior».

De resto, insistiu o Pontífice, «transmitir a fé não significa dar informações, mas fundar um

coração na fé em Jesus Cristo». Por isso, «transmitir a fé não se pode fazer mecanicamente», dizendo: «Toma este livrete, estuda-o e depois eu batizo-te». Não, insistiu, «é outro o caminho para transmitir a fé: é comunicar o que nós recebemos».

É precisamente «este o desafio do cristão: ser fecundo na transmissão da fé», afirmou. Mas é «também o desafio da Igreja: ser mãe fecunda, dar à luz filhos na fé», acrescentou, explicando que «este não é um exagero: é o que dizemos na cerimónia do Batismo». Portanto, eis «a Igreja que “dá à luz”, que é “mãe”». E nesta perspetiva Francisco sugeriu «duas pistas da transmissão da fé».

«A Igreja é mãe se transmite a fé no amor, sempre com ar de amor», disse o Papa, recordando que «não se pode transmitir a fé sem esta característica materna». A ponto que «alguém escreveu elegantemente» que «a fé não é concedida, mas dada à luz». E é «a Igreja que dá à luz a fé dentro de nós: ou seja, a transmissão da fé caracteriza-se sempre com o amor da mãe Igreja, dá-se em casa».

O próprio São Paulo, prosseguiu o Papa, «lembra a Timóteo, num bonito trecho: “Recordo a fé da tua mãe e da tua avó”». Portanto, explicou Francisco, «é a fé que deve ser transmitida de geração em geração, como um dom». Mas sempre «no amor, no amor da família: é ali que se transmite a fé, não só com palavras, mas com amor, carícias e ternura».

A este propósito, o Pontífice voltou a propor também o episódio narrado no livro dos Macabeus, «quando aquela mulher encorajava os sete filhos face ao martírio: no texto diz-se que por duas vezes aquela mulher falou aos filhos na língua materna, dava-lhes força na fé, mas na língua materna». Pois «a verdadeira fé se transmite sempre em dialeto: o dialeto do amor, da família, da casa, aquele que se capta no ar». E «talvez a língua seja a mesma, mas ali há algo de dialeto, e ali a fé transmite-se “maternalmente”».

Em síntese, explicou o Papa, se a «primeira atitude para a transmissão da fé é o amor, outra atitude é o testemunho». Na realidade, afirmou, «transmitir a fé não significa fazer proselitismo: é outra coisa, é maior ainda». Sem dúvida, prosseguiu, «não significa procurar pessoas que ajudem esta seleção de futebol, este clube, este centro cultural: isto está bem, mas para a fé não serve o proselitismo». E «Bento XVI disse: “A Igreja cresce não por proselitismo mas por atração”». Com efeito, afirmou Francisco, «a fé transmite-se por atração, ou seja, por testemunho». E, acrescentou, «hoje celebramos a festa de dois apóstolos, Filipe e Tiago, que deram a vida, transmitiram a fé mediante o testemunho». Portanto, devemos testemunhar a fé.

A este propósito, o Papa quis partilhar uma sua recordação pessoal: «Certa vez numa das jornadas da juventude, acho que foi em Cracóvia, num almoço com os jovens, um deles perguntou-me: “Tenho um amigo que é ateu, mas é muito bom e eu gosto dele. O que devo dizer-lhe para que se converta?”». Eis a resposta franca do Papa: «É melhor que nada lhe digas, age.

E que ele se questione: por que este homem se comporta assim? Por que este homem faz assim, quando é normal fazer o contrário? Dá testemunho!».

É um facto, explicou o Pontífice, que «o testemunho provoca a curiosidade no coração do outro, e o Espírito Santo pega nessa curiosidade» e começa a trabalhar «dentro». Assim, «a Igreja crê por atração, cresce por atração, e a transmissão da fé verifica-se com o testemunho, até ao martírio». Precisamente «quando se vê esta coerência de vida com o que nós dizemos, surge sempre a curiosidade: “Mas por que ele vive assim? Por que leva uma vida de serviço ao próximo?”». E «essa curiosidade é a semente que o Espírito Santo pega e leva em frente; e a transmissão da fé torna-nos justos, justifica-nos».

Portanto, afirmou o Papa, «a fé justifica-nos, e na sua transmissão nós fazemos verdadeira justiça aos outros». No fundo, «é simples» o que Paulo escreve aos Coríntios: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». As palavras do apóstolo são claras: «Eu transmiti o que recebi». Recordam «a transmissão da fé no amor, em casa». Mas, relevou Francisco, «muitas vezes em casa ouvimos dizer: “Quando frequentar o catecismo, aprenderá”». E «muitas vezes são as empregadas domésticas, mulheres de fé, que transmitem a fé às crianças: até as empregadas domésticas estrangeiras». Talvez os «pais trabalhem; talvez vão à missa uma, duas, três, quatro vezes por ano, talvez vão à missa de vez em quando, são católicos, mas não sabem transmitir a fé; são as empregadas domésticas que a transmitem».

E este, afirmou o Pontífice, «é um facto que se vê todos os dias nas grandes cidades e até aqui na Itália». A fé transmite-se «com o amor» e «a empregada doméstica é aquela que acaricia, que cuida, que faz crescer, que ajuda a mãe, é como uma segunda mãe». E «isto significa transmitir a fé no amor, no testemunho», porque não se trata de «transmitir uma filosofia», mas de «transmitir algo que te justifica, que te torna justo aos olhos de Deus».

Por fim, o Papa convidou a pedir «ao Senhor por tantos pais para que saibam cuidar disto, pois transmitir a fé é algo grandioso, muito bonito». E pedir «por tantos cristãos a fim de que o Senhor lhes conceda a todos a força de dar testemunho e, com o testemunho, semear curiosidade; e o Espírito Santo pega naquela curiosidade e abre o coração para receber a fé».